

Essas preciosas fontes, porém, e lamentavelmente, não chegaram a ver mais a Holanda, onde tão carinhosamente foram compostas e zelosamente guardadas durante séculos. É que, depois de terminada a referida exposição, tais manuscritos, bem como os impressos, ficaram depositados, com a incompreensível anuência dos dirigentes do Seminário e Biblioteca de Ets Haim, na Biblioteca de Jerusalém. De nada serviram, com efeito, os protestos de professores, especialistas da história da presença portuguesa em Amesterdão, das autoridades municipais, e até mesmo do ministro da Educação da Holanda...

E se hoje é possível conhecer-se a valiosa coleção de manuscritos que saiu da Ets Haim para Jerusalém, tal ficou a dever-se, uma vez mais, a esse valioso e emérito investigador da história da presença judaico-portuguesa em Amesterdão, L. Fuks, que há pouco nos deixou, e que aqui desejamos evocar, pela grandeza do seu trabalho, pela seriedade da sua investigação científica.

Manuel Cadafaz de Matos

(Universidade Católica Portuguesa,
Faculdade de Ciências Humanas)

«O DILÚVIO DE QUÉOPS» E TORTURAS PIRAMIDAIS

Realizou-se em Fevereiro do corrente ano, nas instalações da Missão de Macau em Lisboa, uma palestra subordinada ao título «O Dilúvio de Quéops», sendo orador o Sr. Paulo Guilherme d'Eça Leal. Tratava-se, como foi anunciado, de uma «comunicação sobre a antiga ciência egípcia» e, de acordo com o texto dos convites, iriam ser reveladas na sessão «novas e importantes descobertas sob a grande pirâmide» (s/c).

Já alguns dias antes tinha o conferencista divulgado as suas «descobertas» numa palestra realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, numa organização do Acarte (25 de Janeiro) e, para os que não tinham conseguido a ela assistir, promoveu-se uma segunda. A intenção era, em suma, divulgar as conclusões a que finalmente o autor tinha chegado após dezasseis anos de estudos piramidais.

A Missão de Macau em Lisboa começou então a enviar os convi-

tes para a sessão que parecia prometer: na verdade, o tema das pirâmides é atraente e apelativo, em especial se lhe for dado aquele toque de «mistério» e se for polvilhado com o toque esotérico e transcendental que capte o interesse dos menos informados e dos incautos. Foram enviados, de forma indiscriminada e tumultuosa, convites a muitas pessoas que depois tiveram de se acumular à porta da exígua sala onde as «revelações» iam ser feitas, e que a pouco e pouco foram desistindo.

Os que nela couberam e os que se espalharam pelo espaço junto às paredes envidraçadas foram escutando, com grande pertinácia e estoicismo, o que o conferencista, durante três horas a fio, tinha para dizer no remate de dezasseis anos de aturados estudos. E como o trabalho e a dedicação das pessoas por uma causa ou um tema de estudo, como era o caso, deve merecer todo o respeito e atenção, escutámos até ao fim a conferência de que aqui damos conta.

Já muita gente, como é sabido, procurou estudar a fundo as pirâmides, sobretudo as três que se erguem no planalto de Guiza, datadas da IV dinastia (cerca de 2600 a 2480 antes da nossa era) e erguidas nos reinados dos faraós Khufu, Khafré e Menkauré (conhecidos pelos seus muito divulgados nomes gregos de Quéops, Quefren e Miquerinos). Pondo de parte os desvairados «estudos» de piramídotratras como John Taylor e Piazzzi Smyth, remetendo para o seu devido lugar de textos secundários as ambíguas informações de alguns letrados gregos, temos felizmente os excelentes trabalhos de egiptólogos como Flinders Petrie, George Reisner, Walter Emery, Cecil Firth, Jean-Philippe Lauer, I. E. S. Edwards, Ludwig Borchardt, Georges Goyon e Rainer Stadelmann (a que se junta o recente contributo de Jaromir Malek com uma vigorosa análise da época do Império Antigo a nível social e económico, para que melhor possamos apreender o porquê da construção piramidal). Ora, ao longo da sua comunicação o conferencista poucos sinais deu do conhecimento dos fundamentais trabalhos destes especialistas. De resto, também parece não ter conhecimento das valiosas contribuições dadas, a partir dos anos cinquenta, por notáveis egiptólogos egípcios como Selim Hassan, Kamal el-Malakh, Ahmed Fakhri, e outros mais.

Mas, segundo o autor da comunicação, todos eles, «os maiores sábios e os mais cuidadosos analistas» falharam! E porquê? — Porque, disse o Sr. Paulo Guilherme d'Eça Leal, eles não foram capazes de «pensar do mesmo modo que os construtores da pirâmide»!

E aqui estava, precisamente, um dos motivos aliciantes da sessão na Missão de Macau: ouvir alguém que, ele sim, era capaz de pensar como os antigos Egípcios, eles mesmos, os próprios, os tais das

pirâmides, dos grandes templos amonianos, da escrita hieroglífica, da *maet* pendular e reguladora, da elaborada e elevada cosmogonia menfita de Ptah, dos textos sapienciais... De resto, como sublinhava um panfleto distribuído na conferência da Gulbenkian, a sessão era «para quem consiga pensar à egípcia»!...

O conferencista anunciaria também que estava pronto para publicação um livro, que já tinha mais de quatrocentas páginas, contendo o resultado dos cálculos e estudos feitos ao longo de muitos anos de pesquisa, e que incluiria um prefácio de José-Augusto França, professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa.

No decurso da conferência foi o orador utilizando amiúde o grande quadro negro colocado à sua disposição, e para lá foi despejando números, esquemas, traços, curvas, pontos, intersecções, operações matemáticas. Mas, *quod erat demonstrandum?* E após a enxurrada de números e esquemas que meteram água, isto é, que «explicavam» como os canais subterrâneos do Nilo chegavam até à zona situada sob a grande pirâmide, veio-se a saber que em grande medida o «Dilúvio» era a chave para a compreensão daquele imenso monumento, o qual deveria ser entendido como «uma máquina». A assistência, muda e indefesa, escutou que as águas diluvianas tinham submergido o Egipto e que a pirâmide, atempada e avisadamente erigida, serviria de abrigo ao faraó e seus sacerdotes.

Existia, segundo concluiu o palestrante, uma porta secreta que conduzia desde a Esfinge (monumento do reinado de Khafré, construído num esporão rochoso a umas dezenas de metros das pirâmides) até à misteriosa cripta do faraó situada numa zona inacessível sob a pirâmide, tendo então sido revelado que o corpo do faraó ainda lá se encontrava: acerca desta notável conclusão não foram prestados mais esclarecimentos que, no entanto, deverão constar no anunciado livro.

Mais revelações foram depois regurgitadas: dentro da pirâmide estavam pedras basculantes, impedindo o acesso das águas ao interior, na câmara do sarcófago foi colocada uma tina chapeada de metal com espantosas propriedades eléctricas, os Egípcios conheciam o metro (!!!), a esfericidade da Terra (?!)... E, dilúvio por dilúvio, uma ínvia enxurrada de números se despenhou sobre a indefesa assistência: as medidas dos corredores, da grande galeria, em comprimento e altura, as portas, os recessos, os degraus, a câmara do sarcófago, as medidas da «tina» ao milímetro, os blocos, as lajes...

Restaria saber como tinham sido construídas tamanhas obras. Pensando «à egípcia», a conclusão parecia muito simples: com andaimes e roldanas! É verdade que a roldana era completamente desconhecida*

da na época, mas não seria este pormenor de somenos importância que iria ensombrar a palestra.

Enfim, a delicada e não muito bem esclarecida questão do «Dilúvio» (e afinal era esse o «motivo principal» a construção da grande pirâmide) gerou depois algum «debate», embora assintótico, quando no final o orador se colocou à disposição de quem quisesse ser esclarecido. Teria havido o tal dilúvio no Egito? Claro que sim: o faraó Sufis (?!), para quem a pirâmide tinha sido feita, tinha tido um sonho e anteviu toda a terra coberta pelas águas (estava escrito!). Mas perante algum cepticismo que hereticamente se esboçou, o esclarecimento do conferencista, logo secundado por várias damas embebedadas pelo tema sentadas nas cadeiras da frente, foi fulminante: «Claro que houve dilúvio universal! Toda a gente sabe isso!» Aliás, como precisou alguém, estava até na Bíblia, e só quem não tinha cultura é que não sabia.

E quando foi construída a grande pirâmide e as outras existentes no planalto de Guiza? O orador não tinha bem a certeza: «Há quem diga 3000, há quem diga 30 000 anos. Por mim, estou mais inclinado para os 30 000 anos» — disse, e estava tudo dito. Não valia a pena continuar a ser «esclarecido».

Cada um é livre de dizer o que lhe apetece sobre as pirâmides, descobrir nelas as revelações mais espantosas através de fumegantes matemáticas e geometrias com que se tortura uma assistência que deseja aumentar a sua cultura... Agora vir dizer que era assim mesmo que os antigos Egípcios pensavam é que pode ser um atentado à inteligência das pessoas. Querer demonstrar que se é capaz de «pensar como os antigos Egípcios» sem saber dos textos egípcios para nada... é provar o impossível.

Pode-se até abordar a história egípcia e as grandes construções do Egito faraónico de um ponto de vista esotérico e místico, mas ao menos neste caso que se separe a ciência histórica, a lógica e a racionalidade, das congeminações piramidais urdidas nas leituras de suspeitos e ínvios tratados de piramidologia. Fale-se longamente das pirâmides e das múmias, fale-se dos mistérios e das maldições, mas ao menos que se separe claramente a egiptomania e egiptolatria da egiptologia.

Cada um é livre de perorar ou escrevinhar sobre a inesgotável temática egiptológica, mas ao menos que não misture promíscua e insultuosamente as suas «conclusões» e «revelações» com as investigações dos muitos egiptólogos prestigiados cujas obras são clássicos indispensáveis para o aliciante estudo das pirâmides. Mas infelizmente a brilhante civilização faraónica tem sido tema inesgotável

para a formulação de congeminações esoterizantes, quando não é sustentáculo ideológico de seitas que se vão apropriando dos «segredos» da religião egípcia, e vão descodificando, em torturantes ginásticas cerebrais, os «mistérios» das pirâmides, da religião, dos hieróglifos e da arte do Antigo Egipto.

Quem quer pode organizar as sessões culturais sobre «O Dilúvio de Quéops», «As Maldições do Túmulo de Tutankhamon» ou «O Mistério das Múmias»... Mas ao menos que se mencione nelas, de forma clara, se se trata de um tema com bases históricas e científicas ou de revelações metafísicas enxovalhadas, para que as pessoas não se desloquem lá em vão. Foi isso afinal que faltou no caso em apreço: não só o número de convites enviados excedia em muito a relativa exiguidade da sala, como, apetitosamente para enlevo dos incautos, se referia que a conferência iria revelar «novas e importantes descobertas sob a grande pirâmide»!

Depois, foi o que se viu.

Luís Manuel de Araújo